

Cultura

A segunda vida de 'Antígono'



ÓPERA

Mais de dois séculos depois, regressa ao palco a ópera que estava em cena quando Lisboa foi atingida pelo terramoto de 1755. *Antígono* representou, na altura, a estética e a riqueza de um país e de um rei que não poupavam em luxo. Na próxima semana, o Centro Cultural de Belém apresenta a estreia mundial da versão moderna, numa encenação que preserva a filosofia barroca, através da tecnologia digital do século XXI

POR GABRIELA LOURENÇO

Barroco digital

Com a ajuda de uma maquete e de projeções, prepara-se a estreia mundial da versão moderna de *Antígono*

CULTURA
ÓPERA

Recuemos até 31 de outubro de 1755, véspera do terramoto que arrasou Lisboa. Junto do rio, fora inaugurada, recentemente, a nova Ópera do Tejo e ali se ouviam as vozes dos melhores *castrati* da época. Nessa noite, havia de subir ao palco a ópera *Antígono*, do italiano Antonio Mazzoni, composta a pedido de D. José I, «o reformador». Seria a última vez que Lisboa a veria, porque, horas depois, na manhã do Dia de Todos os Santos, a cidade acordaria com o terramoto, o maremoto e os incêndios que a destruiriam. E o edifício da Ópera do Tejo não resistiu. Foram precisos mais de 255 anos para voltar a levar *Antígono* ao palco. Na próxima semana, a 21 e 22 de janeiro, quebra-se o silêncio, no Centro Cultural de Belém (CCB).

Outra vez à beira-rio, a azáfama nota-se nos bastidores. Há ensaios cénicos à volta de uma maquete, ensaios de canto em camarins à porta fechada, ensaios de orquestra regidos pelas mãos habilidosas do maestro Enrico Onofri. O encenador Carlos Pimenta compara o ambiente ao de uma «atarefada sala de urgências de um hospital». E não é para menos: ali, no CCB, juntam-se esforços para dar, de novo, vida a uma ópera que sucumbiu, no meio dos escombros, há mais de dois séculos. Nesta estreia moderna, *Antígono* está de volta, depois da partitura de Mazzoni e do libreto de Pietro Metastasio terem andado desaparecidos durante todo este tempo, cada um para seu lado, e sem haver testemunho de como alguma vez foram levados a cena. A história da sua recuperação também já leva alguns anos e começou com uma pergunta feita ao musicólogo inglês residente em Portugal Nicholas McNair, em 2005: qual teria sido a última ópera a ser produzida na Ópera do Tejo, destruída pelo terramoto? Mas foi a investigação efetuada pelo professor Manuel Carlos Brito que confirmou *Antígono* como sendo a resposta certa e deu conta do paradeiro da partitura na Biblioteca do Palácio da Ajuda e da existência de um libreto no Rio de Janeiro, no Brasil. Pouco a pouco, as peças do puzzle foram sendo juntas e, numa conversa informal entre Nicholas McNair e Massimo Mazzeo, diretor artístico da orquestra Divino Sospiro (atualmente



Ensaios Os músicos da orquestra Divino Sospiro e cantores líricos vindos de todo o mundo preparam-se para as duas noites de exibição da ópera *Antígono*, um projeto desenvolvido há mais de dois anos no Centro Cultural de Belém

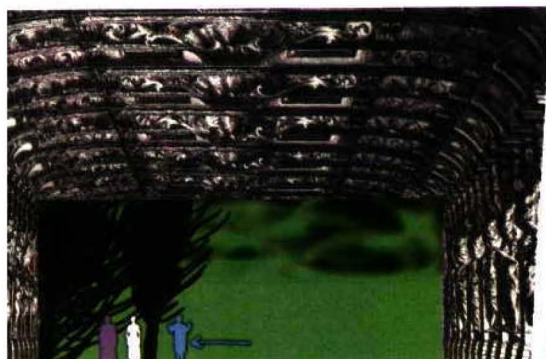
em residência no CCB), surgiu finalmente a hipótese de dar uma segunda vida a *Antígono*. «Era uma pena que uma mina de ouro tão relevante como a ópera em Portugal no século XVIII não tivesse a divulgação que merecia», comenta Mazzeo, coordenador do projeto. «Este repertório é o mais espantoso que

'Este repertório é o mais espantoso que a música portuguesa teve até hoje', acredita Massimo Mazzeo

a música portuguesa teve até hoje. É de uma beleza sublime», reforça.

Façamos, então, de novo, uma viagem no tempo, até essa Lisboa de 1755. Numa época de fulgor económico e cultural, a ópera ganhara uma importância como nunca mais voltaria a ter em Portugal. Na corte, o luxo opulento era imagem de marca e não fugiu a ele a Ópera do Tejo, mandada construir pelo monarca como um dos símbolos do seu poder real (*ver caixa*). Para *Antígono*, a terceira ópera a estreiar ali, a 16 de outubro, seriam contratados, a peso de ouro, os melhores da época: Mazzoni e Metastasio e também os célebres *castrati* Gizziello,

CULTURA ÓPERA



Virtual Sobre o palco despido, serão feitas duas projeções: uma exterior com a história da Ópera do Tejo e uma interior, cenário da narrativa

- Cafarelli e Gaetano Guadagni ou o tenor Gregorio Babbi. Não se poupava em megalomania, as conversas sobre o nervosismo dos mercados e o défice público ainda não tinham sido inventadas, era o momento áureo da época barroca, em Portugal. Até ao dia em que um terrível sismo havia de destruir tudo, em poucas horas.

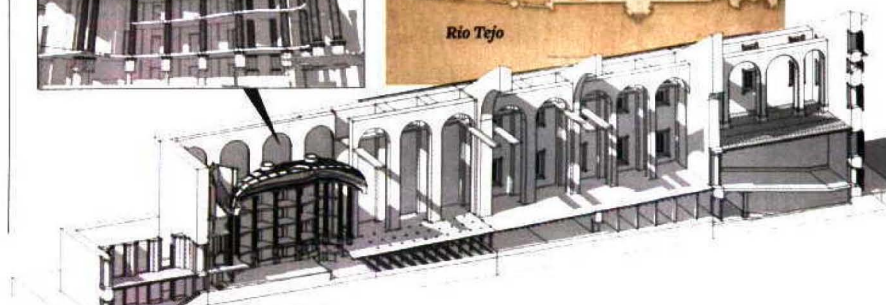
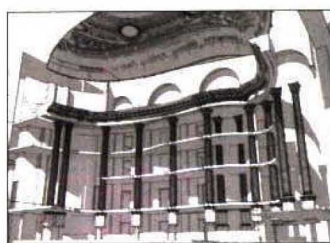
Barroco digital

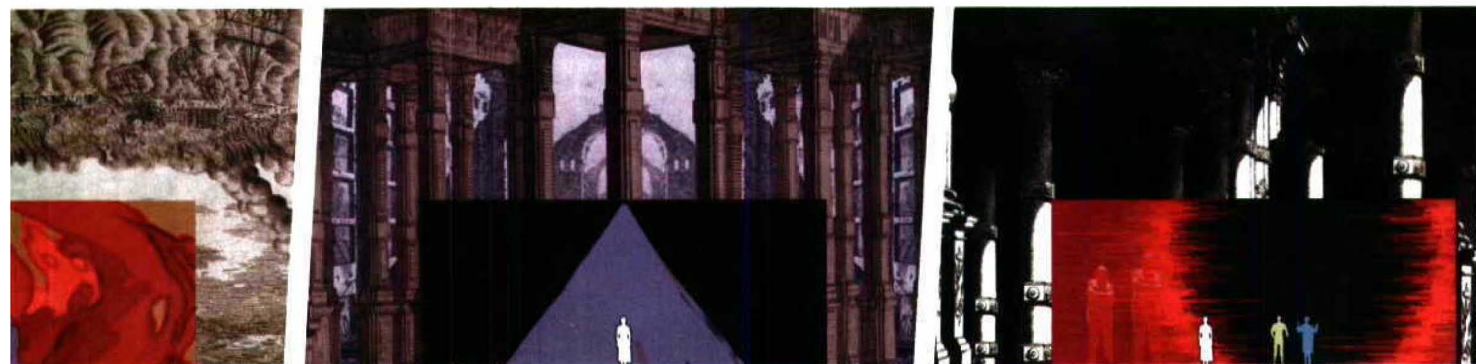
De volta a 2011. Da boca de Massimo Mazzeo e do maestro Enrico Onofri saem histórias sobre a música barroca, os compositores e os cantores, com a naturalidade de quem é apaixonado pelo tema. Também eles estão agora a descobrir estes sons que ficaram sepultados, no dia do terramoto. Elogiam Mazzoni, o grande mestre do recitativo, como lhe chamaram, na altura, mas que acabaria por ficar na História com um lugar menos honroso do que outros compositores, como Gluck, apesar de, na época, ter criado uma linguagem musical nunca antes ouvida e que, mais tarde, caberia a outros generalizar. «Esta partitura pede à voz recursos sobre-humanos», diz Massimo, explicando que se optou agora por substituir as vozes dos *castrati* por vozes femininas (foram feitas audições em Lisboa e em Roma, para formar o elenco de seis cantores: dois homens e quatro mulheres, uma delas a portuguesa Ana Quintans, a única escolhida fora dos *castings*). Numa das salas de ensaio, a espanhola Maria Hinojosa Montenegro debate-se com a exigência da música e as variações de voz a que a complexa partitura obriga. «Não pareço uma galinha, pois não?», pergunta a Enrico Onofri, que a vai ajudando a encontrar o ritmo e o tom certo do canto. «Isto faz-

‘Ópera do Tejo’ Uma casa mitológica

Foi efêmera a existência da Ópera do Tejo, um edifício sumptuoso, inaugurado a 31 de março de 1755 e completamente destruído, apenas sete meses depois, pelo terramoto. Encomendado por D. José I, «o reformador», ao arquiteto italiano Giovanni Bibiena, logo dois anos depois da subida do Rei ao trono, foi o primeiro exemplar de teatro à italiana erguido de raiz em Portugal e símbolo de uma época próspera económica e culturalmente no nosso país – terá, aliás, custado uma quantia exorbitante. O edifício nasceu nas proximidades da praça do Terreiro do Paço, centro dos acontecimentos políticos e religiosos, onde hoje está o Arsenal da Marinha (há quem sustente que parte da estrutura da Ópera do Tejo tenha sido aproveitada para construir este novo edifício), paralela ao rio, ladeada pelo Paço da Ribeira, pela Ribeira das Naus, pela Patriarcal e pelo Palácio Corte-Real. Hoje, defende-se que a Ópera do Tejo representou o auge do esplendor da ópera barroca em Portugal, tendo tido uma importância que nem sequer o Teatro São Carlos haveria alguma vez de alcançar. Inaugurada por altura do aniversário da Rainha Mariana Vitória, estreou-se com a ópera *Allessandro nell' Indie* e seria, ainda, palco de *La Clemenza de Tito* e, mais tarde, de *Antígono*.

Da sua existência e do seu aspeto restam apenas alguns relatos, que a descrevem belíssima e luxuosa. A única imagem que chegou aos dias de hoje é uma gravura, de Jacques Philippe Le Blas, que representa as suas ruínas – mas há estudos que mostram que não passava de uma fantasia. Não existem também certezas de que os únicos planos arquitetónicos atribuídos ao edifício (os desenhos de um alçado e um plano do nível da plateia) sejam, de facto, da Ópera do Tejo. Especialistas de várias áreas de estudo como a História, a Arquitetura, o Urbanismo, a Sociologia, a Engenharia, a Arqueologia e muitas outras têm-se reunido para tentar perceber onde estava e como era exatamente esta casa. **O arquiteto Pedro Januário é um dos que mais se tem dedicado à reconstituição da Ópera do Tejo e acredita que hoje já chegou a uma imagem aproximada de como seria o edifício.** Com capacidade para 600 pessoas, teria três módulos arquitetónicos: a sala, o palco e os anexos. Tudo ornamentado com muitos dourados, como descrevem os relatos da época.





-me lembrar a cantora do filme de Luc Besson, *O Quinto Elemento*, com todas aquelas variações de voz», nota, a rir.

Antigono segue o modelo habitual da ópera séria, alternando entre recitativos, que fazem avançar a ação, e árias da *Capo*, veículos das emoções dos personagens. O encenador Carlos Pimenta escolheu que as árias fossem cantadas numa posição fixa, como então se fazia. Mas sublinha que preferiu deixar de lado o caráter arqueológico, nesta encenação. «Quisemos, sobretudo, saber como é o nosso olhar contemporâneo de *Antigono* e descobrir o que é hoje para nós o conceito da maravilhosa máquina do barroco», explica. «Talvez a tecnologia seja o nosso maravilhamento contemporâneo. Estamos a fazer um barroco digital, como costumamos dizer, sendo que o digital tem alguma coisa de barroco, acho», continua, mostrando a maquete que construíram para testarem esta encenação feita com projeções digitais. Sobre o palco despido do grande auditório do CCB, serão projetados dois níveis de cenário: um exterior, que envolve toda a cena e que funciona como se fosse uma moldura, e onde se «contará», por imagens, a história da Ópera do Tejo e do seu fim; e um interior, que servirá de pano de fundo à narrativa que se desenrola em palco, sobre Berenice, princesa do Egito, chegada à Macedônia para casar com o rei Antigono, depois de ter recusado a mão de Alessandro. É então que o ilustrador António Jorge Gonçalves vai desenhando, em tempo real, enquanto decorre a ópera, fazendo aparecer e desaparecer cenários de cores fortes e traços esbatidos. Uma forma de manter a filosofia barroca, com a ilusão de tridimensionalidade que prolongava

'Talvez a tecnologia seja o nosso maravilhamento contemporâneo', diz o encenador

o olhar dos espetadores para longe e com as mudanças de cenários feitas com uma complexa maquinaria à vista de todos. «O desenho em tempo real, com as suas capacidades expressivas e expressionistas, dá valor emocional à história, é como se fosse uma música visual», descreve António Jorge Gonçalves, que assume o lado fantasmagórico da encenação de uma ópera que é, ela própria, um fantasma em Lisboa, já que não existe uma única imagem ou descrição de como *Antigono* foi levado a palco, em 1755.

Para chegar às imagens que se projetam, o ilustrador andou pelo gabinete de estudos olisiponenses, folheou livros antigos e, num volume com gravuras feitas pelo arquiteto italiano Giovanni Bibiena, autor do edifício da Ópera do Tejo, encontrou a estética deste *Antigono* moderno. As imagens foram, depois, retalhadas e remontadas digitalmente. Agora, serão projetadas num palco sem adereços nem objetos cénicos.

«O objetivo da ópera barroca era fazer com que a música, o canto, fossem ouvidos. Foi esse também o nosso, quisemos tornar tudo o mais simples possível, sem grandes malabarismos», afirma Carlos Pimenta, que contou com José António Tenente para conceber os figurinos, também eles com «um desenho simples e algumas referências ao barroco e à antiguidade», nas palavras do criador.

Um país cristalizado

Antigono estará duas noites no CCB, uma apresentação curta para um trabalho que já leva quase dois anos e meio. Massimo Mazzeo reconhece a desproporção, mas justifica-a: «Se existisse uma tradição de fazer e ver ópera barroca em Portugal, talvez pudéssemos ter mais interlocutores. Hoje, por cá, ninguém sabe muito bem o que é *Antigono* ou como foi o período barroco. Mas até por isso, acredito que vai ser um marco.» Para o diretor artístico dos Divino Sospito, esta é uma oportunidade para os portugueses conhecerem melhor aquela que foi uma época áurea do País que o acolheu a ele, há 13 anos. «Um povo que tem consciência da sua cultura, estará melhor. Talvez seja bom recuperar essa confiança. Sou italiano e tenho agora o Berlusconi no meu país, mas posso olhar para trás, para o Leonardo Da Vinci, por exemplo. Sei de onde venho e sinto-me bem, porque tenho uma cultura para onde me posso virar. Recuperar o nosso passado é também resolver alguma coisa do nosso presente», defende. «Com o terramoto de Lisboa, muito ficou destruído: os sonhos, as vontades, os sorrisos. A imagem de uma sociedade estética e economicamente poderosa desapareceu, naquele dia, e acredito que isso determinou a psicologia de um país inteiro. *Antigono* faz parte, de forma paradigmática, dessa imagem cristalizada.»

Nos próximos dias 21 e 22, serão recuperadas, no CCB, as récitas interrompidas em 1755. «Esperamos fazer o nosso pequeno terramoto... mas no bom sentido», diz, a rir, Massimo Mazzeo. 